

A VIDA EM BUSCA DE UM NARRADOR: JORGE MARCOS, BISPO-POETA

LIFE IN SEARCH OF A NARRATOR: JORGE MARCOS, BISHOP-POET

*Felipe Cosme Damião Sobrinho*¹

Resumo: Este artigo retrata, à luz estudos sobre a hermenêutica e poética em Paul Ricoeur, aspectos biográficos e reflexivos de Dom Jorge Marcos de Oliveira (1915-1989), primeiro bispo diocesano de Santo André, padre conciliar e defensor ardoroso dos Direitos Humanos. O objetivo é salientar a relação profunda entre a Teologia e a Literatura, fazendo-nos refletir sobre as fontes e as inspirações deste líder religioso e social, buscando novos horizontes para a Igreja e a Sociedade.

Palavras-chave: Teologia. Literatura. Dom Jorge Marcos. Catolicismo. Sociedade.

Abstract: This article portrays, in the light of studies on hermeneutics and poetics in Paul Ricoeur, biographical and reflective aspects of Bishop Jorge Marcos de Oliveira (1915-1989), first diocesan bishop of Santo André, conciliar priest and ardent defender of Human Rights. The aim is to highlight the profound relationship between Theology and Literature, making us reflect on the sources and inspirations of this religious and social leader, seeking new horizons for the Church and Society.

Keywords: Theology. Literature. Bishop Jorge Marcos. Catholicism, Society.

Introdução

Todo ser humano possui uma profunda busca sobre o sentido da sua existência e sobre a origem de todas as coisas. O estudo das Humanidades, desde a antiguidade clássica atesta o desejo de uma compreensão mais profunda sobre o ser. Foi assim que nasceram as inúmeras ciências que nos fazem chegar à atualidade.

O mundo contemporâneo apresenta a nós novos paradigmas como frutos do processo histórico. As revoluções que deram origem ao período enfatizaram a busca do ser humano por liberdade e dignidade. Mesmo com as conquistas da sociedade técnico-científica, os paradigmas existenciais continuaram a existir diante dos horrores das guerras e do abuso de poder. Fomos profundamente feridos, mas não perdemos a capacidade de sonhar.

¹ Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Auxiliar de Ensino da Faculdade de Teologia da PUC-SP. Membro do Grupo de Pesquisa Religião e Política no Brasil Contemporâneo.

Dentre os pensadores da humanidade num mundo em convulsão encontra-se Paul Ricoeur (1913-2005). Sendo um dos maiores pensadores franceses da contemporaneidade, sua obra vasta nos leva ao encontro do Mistério de Deus e de nós mesmos. Numa análise crítica e contundente, sua contribuição nos ajuda a estabelecer critérios hermenêuticos sobre a linguagem utilizada para compreender Deus, o Ser Humano e o Mundo, ajudando-nos a compreender a história como epistemologia. Richard Palmer e Gadamer também nos ajudam a compreender a hermenêutica, o tempo, os caminhos da História.

Dom Jorge Marcos de Oliveira, primeiro bispo diocesano de Santo André, foi padre conciliar nas quatro sessões do Concílio Vaticano II. Um homem à frente do seu tempo, encontrou na literatura um novo olhar sobre as diversas realidades que o cercavam. Na composição de seus discursos, orações e poesias, deixou registrado que a contemplação leva ao diálogo irrestrito, legando-nos a urgência superarmos o reducionismo e o negacionismo.

1. O biografado

Dom Jorge Marcos de Oliveira, primeiro bispo de Santo André – Estado de São Paulo, nasceu no Rio de Janeiro em 10 de novembro de 1915, filho de Carlos José de Oliveira e Angelina Ruffo. De família abastada, ingressou no Seminário São José do Rio de Janeiro em 1928. Enviado para estudar no Seminário Central do Ipiranga – São Paulo, realizou os estudos de filosofia e teologia entre 1934 e 1940.

Ordenado presbítero pelo Cardeal Sebastião Leme em 08 de dezembro de 1940, exerceu seu ministério como assistente da Ação Católica e capelão. Nomeado bispo pelo Papa Pio XII, recebeu a sagração em 27 de outubro de 1946, sendo sagrante principal o Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara e consagrantes Dom Manuel da Silveira D’Elboux e Dom Rosalvo da Costa Rego. Nos anos que serviu à Igreja do Rio de Janeiro, ficou conhecido como o padre e o bispo das favelas. Ele mesmo afirmou que as favelas mudaram completamente sua concepção sobre a vida e abriu sua mente para lutar pelas causas sociais.

Nomeado bispo de Santo André em 26 de julho de 1954, iniciou seu ministério após sua entrada solene em 24 de outubro do mesmo ano. A população da diocese era composta de uma numerosa população de operário. A partir da Doutrina Social da Igreja até então desenvolvida, o bispo começou um trabalho pastoral que tinha como objetivo

reaproximar a classe operária do catolicismo. A região do ABC era conhecida pela forte influência do Partido Comunista e Dom Jorge passa a trabalhar por uma formação cristã dos trabalhadores e uma presença mais efetiva da Igreja nas realidades sociais.

Com a sua participação nas greves das indústrias locais e da grande São Paulo, como foi o caso da sua participação na histórica Greve da Perus, ele começou a entender que o operário não estava seduzido pela “mensagem do comunismo”, tão temida pela Igreja da época, mas no seu sofrimento precisa se tornar protagonista. Ele, assim, começa a fazer uma hermenêutica da realidade que o afligia, tornando-se mediador entre as realidades duras do Capital e do Trabalho. (SOBRINHO, 2015, p. 32-50).

Dom Jorge passa a ganhar notabilidade nacional, dividindo opiniões a respeito de suas posições diante do magistério eclesiástico e os problemas de seu povo. Como bispo, possuía um forte senso humanista e pastoral, fruto de sua busca de entender a natureza da pessoa humana e viver com maior empenho seu ministério episcopal. Era um homem de vanguarda, tomando antes do Concílio Vaticano II decisões pastorais que acolhiam situações de fronteira. Fundou uma obra social diocesana para promover a dignidade da criança e da mãe solteira, a Associação Lar Menino Jesus, implementou obras sociais e todas as paróquias e organizou cooperativas de alimentos na periferia de Santo André.

Participou ativamente das quatro sessões do Concílio Vaticano II, mesmo com sérios problemas de saúde. Interessou-se vivamente pela elaboração da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, encaminhando intervenções escritas para a comissão responsável. Foi um entusiasta do diálogo ecumênico e interreligioso, procurando promover um caminho seguro de diálogo entre as instituições.

Na época do Concílio, o Brasil vivia os primeiros anos da ditadura militar que durou 21 anos. Defensor da democracia desde os primeiros tempos, se opôs às arbitrariedades do regime. Defensor dos Direitos Humanos, foi durante perseguido, atacado pela imprensa e setores conservadores da própria Igreja.

Com a situação da saúde cardíaca cada vez mais abalada, após três infartos, recebeu do Papa Paulo VI em 1975 a nomeação de um bispo coadjutor na pessoa do frade franciscano Cláudio Hummes. Após seis meses da chegada na diocese, em 29 de dezembro do mesmo ano, Dom Jorge renunciou ao ofício de bispo diocesano e passou por um nome tratamento intensivo de saúde e a dedicar-se integralmente à Associação Lar Menino Jesus. A partir de 1983 assumiu os cuidados pastorais da então Capela de São José na periférica cidade de Mauá, onde ele afirmara que “voltou a ser padre”. Ali, cuidadosamente, pregava e testemunhava o Evangelho com humildade.

Faleceu em 28 de maio de 1989, sendo sepultado na Catedral Nossa Senhora do Carmo. Na celebração eucarística e exéquias solenes presididas pelo Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, o metropolitano afirmou que Dom Jorge foi um bispo que não se deixou abater diante das perseguições, mas corajosamente anunciou o Evangelho e serviu totalmente ao Povo de Deus.

2. A narração da vida

Ao longo de sua trajetória, Dom Jorge Marcos procurou interpretar a vida por meio da poesia. Um número considerável de textos sobre diversos temas revelam a estatura humana e espiritual de um homem que vive numa busca constante de Deus. Seus textos vão apresentando gradativamente uma nova hermenêutica da vida. (cf. PALMER, 1969, p. 211-212).

O bispo deixou claro que ao longo de seus 73 anos ele possuiu uma característica permanente: amar intensamente a humanidade. Como vimos brevemente em seus dados biográficos, suas experiências de vida foram fundamentais para que ele entendesse o sentido amplo do seu ministério. A partir da formação clássica do Seminário Central do Ipiranga e do seu amor profundo pela natureza e pelas artes, Dom Jorge tornou-se um narrador de seus sofrimentos existenciais e sua missão num mundo em mudança. Com 33 anos, ele deixa registrado, como bispo jovem, impressões sobre a sua vida:

Tenho 33 anos...
O tempo acumulado
na visão do passado
E já tão grande...

Tenho meus cabelos brancos
que depressa vão vencendo
a juventude que ganhei...

Tenho rugas no meu rosto.
E meu olhar profundo
deixa entrever cansaço
mais experiência
menos esperança...

Tenho fracos agora
os músculos que já foram fortes,
Nele mais grosso,
corre pesado meu pobre sangue.
Meu pobre sangue que era tão ardente...

No meu peito
bate agora irregular
um coração que se espanta
de tanto ser vivido,
de tão pouco ser guardado...

Sinto que a vida se esvai
a cada hora que passa...
Sinto que a vida se passou
a cada hora que acabou...

Como a vela esguia e nova
se derreteu no teu altar
e dela restaram apenas as mágoas,
as mágoas das lágrimas – que quentes,
rolaram sobre seu dorso, e caíram, e se perderam...

Senhor,
que a minha vida toda –
meus anos, meus cabelos brancos,
meus músculos cansados
meu sangue tão pesado...

Senhor,
que meu coração aflito
a chorar de tanto ter vivido.

Senhor,
que todo o meu eu
se acabe assim,
diante de Ti,
do teu altar no mundo,
e comece depois o canto sem fim
da vida
que também diante de Ti
não terá fim.

No início de seu ministério episcopal, o bispo deixa claro no poema o exercício da missão. Estando imerso na realidade das periferias, ele sente o canso físico, mental e a necessidade de uma nova configuração a Cristo. É interessante pensar a influência das correntes existencialistas vigentes na cultura da época para o diálogo consigo mesmo e o sagrado. Num tom poético, vemos a construção de uma nova linguagem a respeito da fé e da vida. Quarenta anos mais tarde, como bispo emérito de Santo André, esse poema é retomado por ele dizendo:

Tenho 33 anos, escrevia eu em 1948, achando que povo dias de vida me restavam... Passados 40 anos, vejo o quanto de vida pulsou em mim, as lutas, os sonhos... Uma característica foi sempre permanente em mim:

amei sempre, intensamente, a multidão, o povo o ser humano... Não permitas, Senhor, que eu deixe de amar o nosso povo, a nossa multidão.”

As orações e poesias, além das meditações pessoais eram compostas para diversas situações: composição de homilias, sessões públicas, almoços, casamentos e bodas. Dom Jorge, como enfatiza Palmer ao comentar Gadamer (PALMER, 1969, p. 207-208), compreende o tempo da história a partir de sua própria vida, das experiências do seu ser num mundo em mudança. Um poema oração, chamado Oração do Mar, deixa clara a sua interpretação sobre os fenômenos da vida, fazendo dela narrador das angústias e esperanças dos tempos da ditadura militar:

Mais um “tramonto” sobre minha vida,
somando aos outros que já são tantos!
São irmãos daqueles que me encantaram,
com suas cores, suas nuvens,
nos altos céus,
nos horizontes diversos...

Hoje o “tramonto” é novo
tem um encanto distante
a meus ouvidos surpresos
e leva-me a rezar, a rezar...

Senhor,
os que tiveram o ocaso da vida
no mar,
neste mar que hoje habito.
Senhor,
os que pararam de agitar-se,
sobre o mar,
o teu mar,
tenham encontrado em Ti,
a eterna aurora de paz,
da vida,
do amor sem ocaso...

Seus gemidos acabados...
a angústia sufocada...
A paz profunda,
para sempre os tenha abraçado...

Tenho saudades dos que já viram o último ocaso,
aceno certo da última e inesperada hora!
Tenho saudades de suas vidas,
de seus anseios,
de seus amores...
Que eles não tenham mais saudades,
ó Senhor que não conheces ocasos,

ocazos tristes,
“tramontos” chorados,
mas habitas a luz que não morre,
o dia que não diz adeus!...

Senhor,
aceita este ocaso no mar,
como oração da vida,
por todos, todos,
que o ocaso no mar, já envolveu.

No exercício da pregação, sua preocupação com a relação entre fé e vida é trabalhada poética e profeticamente. Relaciona as passagens bíblicas para ensinar a unidade da Escritura. Na oração para o almoço festivo em benefício das obras sociais da Associação Lar Menino Jesus, em fevereiro de 1984, ele relaciona os relatos das “Bodas de Caná” (Jo 2, 1-11) e da “Unção de Bethânia” (Jo 12, 1-11) para falar do milagre da partilha, da justiça e da paz. Com linguagem religiosa, trabalha conceitos teológicos e sociológicos, fazendo com que os ouvintes se situem nas diversas cenas bíblicas, sempre atuais, reveladoras e questionadoras:

Senhor,
Alguns amigos, surpresos, reclamaram
Da alegria e do prazer destes almoços
Que nos reúnem para ajudar,
Com carinho,
Teus filhos e nossos irmãos necessitados.
Mas, Senhor, todos fazem suas festas,
Cada um a seu modo,
Os mais pobres,
os mais afortunados,
todos, nós como Tu,
temos nossas comemorações,
calorosas comemorações festivas...

Havia gente com fome,
lá em Caná da Galiléia
onde com tua Mãe e discípulos
comparaste a um banquete
e, ainda, a pedido dela,
mudaste água em generoso vinho,
para maior alegria dos comensais felizes...

E naquele banquete oferecido a Ti
e a Lázaro que ressuscitaste?
E quando uma mulher bendita
quebrou de golpe na quina de teu divã,
o valioso frasco de alabastro raro,
recipiente caríssimo

de balsamo, nardo de velhos anos,
para ungir teus pés, cansado de nos procurar?
O dinheiro gasto na festa,
o produto da venda do perfume
poderiam desviar-se da mesa
e de teus pés
para ser distribuído aos famintos pobres
tristes famintos das pobres casas vizinhas!

Mas não seria certo!
A alegria
para a vida,
para o amor,
para a coragem
para a esperança e a vitória
é tão necessário quanto o pão diário,
quanto a água fresca para o corpo sedento!
Sobretudo quando do meio de nossa alegria,
por entre os lábios que sorriem,
do sabor que nos delicia
partem para os outros carente de esperança,
novas forças
as virtudes do colaborador,
do participar
com os que sofrem mais
ou sofrem menos que nós!

Senhor,
obrigado por este almoço,
pelos que nos ajudam a Ti, a nós e aos que precisam
precisam mesmo de nossa ajuda,
que está, agora diante de Ti!

Multiplica nossos encontros,
nossas festas
pois sabemos que estás aqui conosco
e transformas, feliz,
em pão, em casa, agasalho,
amor e paz
as alegrias que contigo neste lar gozamos
e as distribuis, contente risonho,
multiplicadas como os peixes e pães do Evangelho,
os teus e nossos irmãos,
todos, igualmente, teus seguidores.

Vem sempre aqui!
Almoçar conosco.
Miracular os pães.
Fazer pescar maravilhas
e trocar conosco, Senhor,
um risonho muito obrigado.
Amém, Senhor.

Como defensor ardoroso dos Direitos Humanos, compôs em 1984, um poema que retrata todo o processo da Ditadura Militar vivida com tanto sofrimento no Brasil, onde dentre os líderes religiosos, o primeiro bispo de Santo André fez parte da resistência e foi duramente perseguido não somente pelo governo, mas também pelas elites que controlavam a imprensa e a economia do país. O poema ajuda a repensar no caminho para a redemocratização do Brasil, apresentando a relação entre religião e política:

Tu te lembras, Senhor?
Eu de pouco me recordo!
Só sei isso era 1964
E a Redentora vinha...
Caminhava nos conchavos,
Com fardas, espadas,
banqueiros, donos de jornais...
Lá vem ela, se dizia,
é ela que vem aí...
Vem salvar o povo,
livrar de toda miséria,
este pobre Brasil,
que agentes perigosos
pintam de vermelho,
vermelho de sangue inocente
escondendo sua religiosa cor azul,
do céu de anil
onde brilha sempre, sempre,
o Santo cruzeiro do sul!

Em mãos de Senhoras,
santas Senhoras,
o terço, o rosário;
nos olhos; as lágrimas,
nas bocas; os gritos
contra Comunistas,
subversivos,
corruptos,
conjunto perigosíssimo
de agentes estranhos
ao nosso país!
Mas nos corações delas,
Medo bonito com luz de paz!
Tu te lembras, Senhor?
À sombra da procissão que passa,
“Marcha com Deus”
definiam os técnicos em Guerra, -
a intriga, a trama, o enredo,
o conchavo, o plano, a revolta,
soldados nas ruas, nas estradas,
nos trens, caminhões,
sem saber pra quê...
E tinham armas e armas...

Baionetas, fuzis preparados,
Metralhadoras ina, balas cbc.
Metralhas pesadas, bazucas,
artilharia aintiaérea, canhões,
Carros de assalto, tanques...
Alguns do Brasil, muitos do Brazil...
E a gloriosa vinha, Senhor,
cheiro de saudades em corações que partem,
cheiro de suor, de ódio, de lágrimas,
de morte, de revolução, de guerra...
mas cheiro de ideal também...

E ela se aproximava
e chegou... Senhor!
Na luta rápida e festiva
matou poucos... que bom
foram poucos, eram inocentes porém...
Mas depois de 20 anos,
só tu podes dizer!
E se os mares falassem...
Se a terra devolvesse os corpos sem nome...
cantassem nomes também...
Se os corações que choram
medrosos ainda,
chegassem a falar, dizendo nomes...
Mas sem rancor,
Nem vingança,
Nem revanche,
Apenas chorando,
Sob o céu,
olhos no fundo do mar,
nas pedras dos rios,
dos rios com seu cantochoão...

E ela chegou, Senhor!
Salvou o Brasil! Mas como?
Deu-lhe a riqueza das dívidas,
Muita dívida – muito FMI,
Entendes Senhor:
e muitos jurosem sem limites,
concordatas, falências, desespero,
muito desemprego,
muita fome,
pouco remédio...
Casas que ruem sempre piores,
e muito custosas,
quase impossíveis,
para os salários
que caem a cada hora...
e o pequeno capital brasileiro indo embora...
parece até que está morrendo agora.

Tenho orgulho deste povo de paz!
Se resistimos até aqui, Senhor
porque temer bombas ogivais

calcadas no urânio,
urânio atômico,
cascatas de morte em todas as direções...
mas será que poderão nos vencer?
tranquilas as ruas,
protegidas suas casas!
Amparado seu amor!
Estes grandes brasileiros
só querem trabalhar,
salário justo,
comida pra comer,
água pra beber,
hospitais, remédios, escolas,
mas tudo parece esmola...
E plantaram muita mandioca,
inauguraram muitas delfins, Coroas,
nem quero lembrar, mas tu sabes tanto!
E festejaram desertos na Amazônia...
Quem fez isso? Ninguém que devia, sabe...
E agora, Senhor,
outra procissão aparece nas ruas!
Procissão cansada, mas heroica...
Quer retomar o Brasil,
Corajosa, sem armas nas mãos
sem ódio no coração
mas recomeçar o Brasil,
Mudar o Brasil...
Há só um grito: diretas, diretas!
Será ladainha?
Entendes Senhor?
Diretas, diretas!
Pobre povo, grande povo!
Diretas, diretas!

Será que os grandes senhores
pensam bem se devem ou não, dar ao povo, teu povo, antigo dono do
Brasil
Muito mais gente boa do lado de cá!
Quando toda essa gente
Ficará de um lado só?
Do lado do povo – do lado do Brasil,
Esperemos que ainda vamos ver! não é Senhor?
Ainda vamos ver.

3. Teologia e ciências em diálogo

Segundo Paul Ricoeur, o discurso e a linguagem religiosa, apresenta um horizonte de sentido com suas respectivas construções e é digna de análise. Na tarefa da Teologia, o diálogo entre os saberes é fundamental. Sem este diálogo a ciência da fé torna-se irrelevante diante das tantas pesquisas que o mundo científico realiza na atualidade. (RICOEUR, 1975, p. 1-2).

No estudo teológico das fontes deixadas por Dom Jorge Marcos, vemos claramente esse diálogo se temos diante de nós o caminho que a Teologia realizou no momento histórico precedente ao Concílio Vaticano II e o seu trabalho até nossos dias. Impregnado pela influência dos movimentos teológicos, onde podemos ressaltar os movimentos bíblico, social e ecumênico, ele estabelece a linguagem da redescoberta de Deus, revelado em Jesus para a salvação de toda a humanidade, em vida de um mundo com vida abundante para todos. Distanciando-se do ambiente duro de suspeitas e condenações vivido nas relações entre Igreja e Sociedade no início do século XIX, o bispo tem sede, desde ante do concílio de dois conceitos-chaves legados por João XXIII e Paulo VI: *aggiornamento* (atualização) e diálogo.

A partir da influência dos movimentos e do magistério social, vemos o passo de Dom Jorge em ajudar na elaboração de uma teologia indutiva (partindo da realidade) ainda no período anterior ao Vaticano II, principalmente no trabalho junto aos operários. Após o concílio, a busca dele pelo diálogo ecumênico e interreligioso coloca o bispo numa nova perspectiva do seu ministério episcopal. Sua missão como narrador da sua própria vida o fez portador de posturas corajosas por uma Igreja mais atenta aos desafios da realidade e com olhar mais centrado no Deus misericordioso revelado em Jesus de Nazaré.

É muito interessante, ao ler os numerosos textos, as fases pela qual passa um pensador e as reverberações das fontes da sua reflexão. Aí se encontram os testemunhos de fé apresentadas por Ricoeur, onde a experiência de fé torna-se linguagem. A partir dessa reflexão deste último, ilumino também a variedade de textos de Dom Jorge.

Estes testemunhos de fé não comportam primeiramente enunciados teológicos, no sentido de uma teologia metafísica-especulativa, mas expressões que relevam de formas de discurso tão variadas como narrações, profecias, textos legislativos, provérbios, hinos, preces, fórmulas litúrgicas, ditos sapienciais, etc. Estas formas de discurso, tomadas em conjunto, constituem as expressões originárias da fé religiosa. A primeira tarefa de uma hermenêutica deve ser, portanto, identificar e descrever estas formas de discurso por meio das quais a fé de uma comunidade é, para já, trazida à linguagem. (RICOEUR, 1975, p. 3).

A antropologia positiva, tão bem trabalhada na *Gaudium et Spes*, aponta a dignidade da pessoa humana, tão bem valorizada por Dom Jorge em sua vida e ministério:

É só na liberdade que o homem pode converter ao bem. Os homens de hoje apreciam grandemente e procuram com ardor essa liberdade; e com toda a razão... A liberdade verdadeira é um sinal privilegiado da imagem divina no homem. (GS, 17).

Narrar a vida em busca de uma libertação integral, tão presente hoje no magistério do Papa Francisco foi o grande trabalho de um bispo-profeta e poeta, no sonho de uma nova aurora.

Considerações finais

A vida e o ministério de Dom Jorge Marcos de Oliveira, primeiro bispo de Santo André foram vividos em tempos de grandes transformações na história da humanidade e da Igreja Católica. Ele se permitiu viver como narrador um novo modelo de autoridade, em tempos em que ainda não se falava em sinodalidade na Igreja Latina como vemos hoje.

O percurso intelectual do bispo encontra-se com os grandes pensadores do período contemporâneo que, marcados pelas guerras e pelas crises nas instituições, dentre elas a Igreja Católica, procuram fazer novas sínteses e apontar horizontes de esperança. Nas tantas guerras de narrativas da história, esses pensadores e líderes religiosos do século XX tiveram a coragem de tocar as feridas profundas do mundo, não mais no olhar da condenação ou do distanciamento, procuraram estabelecer nova proximidade possibilitando novos olhares sobre Deus, o ser humano e a sociedade.

Sendo um homem à frente de seu tempo, deixa registradas fontes que são verdadeiros estudos de Ciências Humanas e que apontam o caminho da renovação eclesial tão almejada pelo Concílio Vaticano II. Sua originalidade consiste, numa autoridade carismática, começar o Vaticano II na Igreja de Santo André antes do próprio evento com sua liderança, inteligência e protagonismo pastoral.

Assumindo na vida a missão de narrador foi poeta e profeta na Defesa dos Direitos Universais do Homem, não tendo receio da incompreensão da instituição que ele representar. Soube equilibrar as conquistas e as crises com cultura e sensibilidade, fazendo novas narrativas da sua experiência de fé, numa nova hermenêutica da vida, da Filosofia e da Teologia, dialogando, sob muitos aspectos, com os pensadores apresentados nesse artigo.

Referências

- PALMER, R.E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1969.
- OLIVEIRA, J. M. **33 anos**. Rio de Janeiro: 1948. (Acervo da Associação Lar Menino Jesus, Santo André- SP).
- OLIVEIRA, J. M. **Oração do Mar**. Santo André: 1978. (Acervo da Associação Lar Menino Jesus, Santo André- SP).
- OLIVEIRA, J. M. **Oração do almoço festivo**. Santo André: 1984. (Acervo da Associação Lar Menino Jesus, Santo André- SP).
- OLIVEIRA, J. M. **1964-1984**. Santo André: 1984. (Acervo da Associação Lar Menino Jesus, Santo André- SP).
- RICOEUR, P. A filosofia e a especificidade da linguagem religiosa. In: **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, [Trad. Donizete José Xavier], 1975, n. 1.

Recebido em: 06/12/2022

Aprovado em: 06/03/2023